

Opinião MCM

Edição 9 – Sexta-feira, 11 de março de 2016

Caixa de Pandora

Relata Hesíodo que a desobediente Pandora, ao abrir a caixa de presentes a ela dada pelos deuses, trouxe à presença dos homens demônios cujo ofício seria atazanar-nos a existência -- punição eterna para a curiosidade da moça. Um economista mais pragmático reinterpretaria um dos mais famosos mitos gregos nas seguintes linhas: ao abrir a tal caixa (na verdade, um jarro), Pandora trouxe ao mundo a incerteza e a volatilidade. Impedimento presidencial e/ou cassação de mandato têm algo de similar: difícil dizer o que vai sair dessa caixa escancarada por Moro; se Dilma cai, para onde vai o equilíbrio político-econômico? Com tantos demônios por aí a fazer delações premiadas para se safarem de um desalentador encontro com Hades, a incerteza pode assumir ares Knightianos. Ainda assim, é preciso que nos manifestemos sobre o que nos parece ser o cenário econômico mais provável nesse caso.

A caixa de Pandora, vale lembrar, não guarda apenas dificuldades. Após a fuga dos demônios, segue lá aquietada a esperança. Pois também uma mudança de governo encerra algo de positivo: uma mudança de expectativas. A realidade dos fatos é: sob o ponto de vista da capacidade de fazer aprovar medidas econômicas relevantes, o governo Dilma II acabou sem mesmo ter começado. Sim, Nelson Barbosa tem enfatizado a necessidade de elevação da carga tributária e de uma reforma de verdade na Previdência, mas num sistema de presidencialismo de coalizão com um Executivo enfraquecido, reformas não acontecem. Nem mesmo crises são suficientes para convencer os políticos a votá-las. É politicídio defender medidas impopulares de um governo fraco. O melhor equilíbrio alcançável é o famigerado "arroz com feijão".

Tudo isso para dizer que uma mudança de governo significaria desembaraçar-se desse fardo da inação. Isso, por definição, ou, como gostam de dizer os economistas, por equilíbrio. A ideia é simples: o impedimento só se torna um equilíbrio político, ou seja, só se torna viável, no momento em que houver uma aglutinação significativa de forças políticas numa mesma direção. Ou seja, se há o impedimento, é porque a fragmentação política tornou-se menor.

A briga pelos espólios pode conturbar o cenário pós-impedimento, claro. Mas não esqueçamos que os termos dessa barganha tendem a ser definidos pelos principais atores na partida, e nem sempre é fácil romper acordos, dado que isso fragilizaria de saída o novo comando do Executivo.

Adicionalmente, novo governo, nova filosofia. E uma nova filosofia pode servir bem ao cenário econômico. O PMDB, por exemplo, vem ressaltando a importância das ditas reformas estruturais (incluindo aí a ideia de Independência do Banco Central, reformas fiscal e da Previdência); ao passo que o PT deu marcha atrás e voltou a agitar com força a bandeira de mais estímulos de crédito, menor prudência fiscal, etc. Portanto, se o PT consegue impedir o naufrágio político do governo Dilma, como irá o Executivo alijá-lo da condução da política econômica? No ponto em que chegamos, infelizmente, nada mudar é sinal de piora à vista.

Em termos concretos, no cenário de impedimento visualizamos uma queda do risco-país e alguma apreciação cambial, com o dólar caminhando para algo perto de 3,50 reais. O PIB seguiria caindo, mas as expectativas de crescimento para 2017 e 2018 melhorariam. Em poucas palavras, os espíritos animais abririam os olhos para

ver o jeitão da nova política econômica e da nova equipe. Gostando, eles finalmente despertariam de sua prolongada sonolência.



Produzido pela MCM Consultores Associados exclusivamente para clientes. 2016. Reprodução Proibida.

Tel: (011) 3318-5750. Fax (011) 3318-5790. site: mcmconsultores.com.br e-mail: economia@mcmconsultores.com.br

TEASER